

## **INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS: AS CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKI**

**Andreza Fiorini Perez Rivera\*** (Mestranda – UEG), Professor Doutor Geraldo Eustáquio Moreira, Helma Salla (Mestranda – UEG). Universidade Estadual de Goiás (UEG), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Estadual de Goiás (UEG), fioriniperez@hotmail.com.

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Universidade de Brasília (UNB), Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Unidade Universitária de Ciências Exatas e Tecnológicas, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências – Mestrado Profissional. Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - CEP 70910-900. SBN Quadra 02 Bloco C - Edifício Phenícia - CEP: 70.040-020.

Resumo: Diante da crescente necessidade de incluir as crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE), as escolas ainda se mostram despreparadas para dar a adequada assistência para qualquer criança que tenha essa necessidade diferenciada. Mesmo com os avanços que a inclusão teve no Brasil, ainda não estamos abraçando o diferente como deve ser de forma respeitosa aos seus direitos e conquistas. Faltam aos profissionais da educação discernimento e conhecimento da importância das crianças com NEE nas instituições de ensino para a promoção da igualdade. A história da inclusão não é recente e ainda vivenciamos questões de preconceito e a não aceitação do “diferente”. Conhecer a história da inclusão de crianças com NEE, representa um grande passo para a aceitação, pois a inclusão ocorre de fato quando todos se enxergam como especiais. O professor é o maior agente inclusivo, pois, mesmo com as dificuldades que o Brasil apresenta na Educação, continua sendo um pilar importante para disseminar as boas práticas inclusivas.

Palavras-chave: Necessidades Educativas Especiais. Inclusão. Atuação docente. Contribuições de Vygotski.

### **Introdução**

O texto pretende abordar aspectos relativos à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais (NEE), observando como a mesma vindo sendo feita no Brasil.

Apesar dos avanços conseguidos, lançamos o seguinte questionamento: será se as crianças com NEE estão tendo suas especificidades respeitadas como dizem as leis? No Brasil, temos leis que dão direito à inclusão nas instituições de

ensino de todo o País. No mundo, temos renomados colaboradores que revolucionaram as ideias sobre as pessoas com deficiência. Um dos maiores representantes dessas ideias foi Lev Semiónovic Vygotski (1896-1934).

Diante da amplitude do tema, adotaremos uma escola pública, situada na Região Administrativa de Planaltina, cidade satélite do Distrito Federal, para tratar da temática. Nessa mesma escola, vimos desenvolvendo nossa pesquisa de Mestrado, quando tratamos da inclusão em aulas de Matemática.

Nessa instituição, fazemos observação em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental, com quinze estudantes, sendo dois com NEE: um com Autismo e o outro sem a definição da NEE, com indícios de deficiência intelectual.

Diante das dificuldades de incluir na Secretaria de Educação do Distrito Federal, as crianças com NEE estão se apresentando nas escolas e suas famílias nutrem esperanças de que seus filhos sejam incluídos em uma sociedade ainda excludente. A Inclusão é um processo de socialização entre as pessoas, cuja convivência com as diferenças nos auxilia no amadurecimento social.

Moreira (2012) destaca que é primordial a inclusão em todas as aulas, inclusive em aulas de Matemática, principalmente por que é possível realizar a socialização.

Ao segregar alunos em sala de aula, escolas ou instituições específicas constituída exclusivamente de alunos com NEE, a escola impede seu convívio com alunos da sala de aula regular quando poderiam compartilhar experiências juntos, respeitando e aceitando as diferenças, em que os primeiros teriam a oportunidade de conviver com a diversidade e enquanto os segundos melhorariam seus aspectos sociemocionais (MOREIRA, 2012, p. 63).

A inclusão é um momento de oportunidade para a criança mostrar-se, e ampliar e se desenvolver como um ser integrado na sua comunidade. Devemos ver a inclusão como algo que vence barreiras, destrói o preconceito e torna a sociedade mais humana e aberta para as diferenças.

Assim, as escolas e as classes de inclusão,

Constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminantes, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa ótima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo (UNESCO, 1994, p. IX).

Sempre que falarmos em alunos com NEE, adotaremos o conceito assentado pela Resolução CNE/CEB 4/2009, que os define como os alunos “que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial, que em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade” (BRASIL, 2009a, p. 17).

### As contribuições de Vygotski à Educação Inclusiva

Ultimamente o mote Educação Inclusiva tem ganhado força, não apenas pela legislação atual, mas, também, por uma questão de ruptura paradigmática pela qual trespassa a comunidade em geral. Não faltam trabalhos relacionados à temática, principalmente após a proclamação da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), com acentuada produção na última década.

Por mais que o assunto venha se renovando a cada período; por mais que as pesquisas encontrem mais respostas; por mais que os estudantes com NEE conquistem cada vez mais seus direitos, algumas ideias, teorias e pensamentos, ainda que considerados antigos, não caem em desuso.

Um exemplo claro disso, tanto de autoria quanto de ideias, teorias e pensamentos, é o legado do estudioso russo Lev Semiónovic Vygotski (1896-1934), com interesses teóricos bastante diversos, entre os quais se destacam a advocacia, a filosofia, a medicina e a docência.

Moreira (2012), em sua Tese de Doutoramento, deixa transparecer sua paixão pelas obras e ideias vygotskianas. O investigador apresenta de forma clara e objetiva Vygotski:

Também teve interesse em pedagogia, linguística e defectologia (estudo das deficiências). Foi um dos primeiros autores a trabalhar com os conceitos de deficiência. Seu livro, Fundamentos de Defectologia (1997), tem contribuído significativamente para as discussões da atualidade que dizem respeito ao desenvolvimento atípico de crianças consideradas, socialmente, deficientes. Vygotski foi o grande teórico da concepção histórico-cultural do desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Para ele, o homem é um ser social, constituído através das e nas relações sociais, mediadas pela atividade histórica, cultural e social (MOREIRA, 2012, p. 25).

Devido à sua enorme contribuição ao desenvolvimento histórico, cultural e social das crianças com NEE, dedico esse subcapítulo ao conhecimento de suas ideias, teorias e obras.

Segundo Moreira (2012), Lev Vygotski, na companhia de Alexei Nikolaevich Leontiev e Alexander Romanovich Luria, no Instituto de Psicologia de Moscou, formou um comitê constituindo, assim, um trio (*tróica*), cujo objetivo principal era a construção de uma psicologia de base marxista, eu fazia oposição ao behaviorismo, quando fundaram a psicologia histórico-cultural , que contribui, e ainda contribui, para os estudos sobre deficiência e aprendizagem.

Com ideias revolucionárias para a época, o epistemólogo russo já defendia que “o objetivo da escola, no final das contas, não consiste em adaptar-se ao defeito, mas sim, superá-lo” (VYGOTSKI, 1997, p. 151), uma vez que a escola deve trabalhar pela sobrelevação das dificuldades de todas as crianças, principalmente daquela com NEE.

Sumarizando as ideias de Moreira (2012), é possível compreender que o “conceito de deficiência tem mudado ao longo da história, assumindo diferentes conotações conforme o tempo e a cultura” (p. 49). O autor destaca que as concepções sobrenaturais atribuídas à deficiência na antiguidade foram substituídas pelas concepções naturais, vistas como fatalistas, que consideravam a deficiência um erro da natureza, adotando o caráter da hereditariedade. Por sua vez, essas concepções biológicas foram substituídas pelas concepções sociais da deficiência, que representava uma crítica ao fatalismo. Assim, o indivíduo com deficiência passou a ser visto como aquele que é produto e sujeito de sua própria história, sem explicar como se dá o desenvolvimento da pessoa com deficiência.

Para Moreira (2012), em todos os casos, essas ideias enfatizaram, nas suas respectivas épocas, a exclusão e a segregação das pessoas com deficiência, até que “as atividades do homem foram centradas em seu desenvolvimento social, cultural e histórico” (p. 52).

Surgiu, então, a matriz histórico-cultural de desenvolvimento do indivíduo com deficiência, tendo Vygotski (1896-1934) como seu principal representante. Essa “matriz histórico-cultural é a mola mestra de muitos estudos referentes à educação do aluno com deficiência e, além disso, orienta distintos programas educacionais” (MOREIRA, 2012, p. 52).

Surgiu, então, o homem capaz de relacionar-se, o homem social, com formas sociais de conduta, cujas atividades histórica, cultural e social, seriam imprescindíveis para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores (pensamento, memória, linguagem, atenção). Uma teoria

psicológica da consciência, em que a personalidade e a atividade social são unificadas, aponta para a explicação de formas histórico-sociais do homem (MOREIRA, 2012, p. 54).

Para Moreira e Manrique (2014), a concepção histórico-cultural da deficiência propõe uma abordagem diferenciada sobre as teorias existentes acerca do desenvolvimento dos alunos com NEE. Segundo os autores, nessa linha de pensamento, “a deficiência é vista como um fenômeno socialmente construído, referenciado em interpretações que buscam a homogeneidade, a rotulação e classificação da pessoa com deficiência” (p. 130).

Ao discorrer sobre a defectologia, estudo da deficiência, Vygotski (1997) defende a inclusão, isto é, a não segregação dos alunos com NEE, uma vez que as interações sociais entre grupos heterogêneos são condições fundamentais e imprescindíveis para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores (pensamento, memória, linguagem e atenção).

Para o autor, a escola deve ser vista como um lugar de superação das dificuldades, cujos objetivos pedagógicos da Educação Especial, devem ser os mesmo da escola regular, considerando as características pessoais de cada estudante, uma vez que seu desenvolvimento se dá de maneira peculiar, evitando a homogeneidade entre os alunos. Para ele, a escola deve “lutar contra o atraso, orientar o trabalho segundo a linha da maior resistência, quer dizer para a superação das dificuldades criadas pelo defeito no desenvolvimento” (p. 150).

Sabemos que a inclusão de alunos com NEE tem sido motivo de grande preocupação para professores, pesquisadores e familiares desses estudantes. As classes regulares e de inclusão estão cada vez mais superlotadas e os professores cada vez com cargas mais elevadas, minimizando as condições de se aperfeiçoarem para atender à diversidade em sala de aula. Entendo que é na escola regular que deve haver condições favoráveis à inclusão de alunos com NEE. Para tanto, o professor deve estar preparado para atuar em classes regulares e de inclusão, pois, afinal, “ir a uma ‘escola para tontos’ significa estar em uma difícil posição social” (VYGOTSKI, 1997, p. 18).

Neste sentido, essas breves reflexões, não traduzem minimamente as contribuições vygotskianas à Educação Especial. Há um arcabouço imensurável de obras próprias e de outros pesquisadores acerca de suas teorias. O objetivo deste subcapítulo, conforme informado anteriormente, foi despertar no leitor a vontade de

querer conhecer e saber mais sobre esse importante epistemólogo. Para isso, indico a leitura de Leontiev (1996); Moreira (2012) e Vygotski (1997; 2001; 2004; 2007).

### Considerações Finais

A inclusão das crianças com NEE nas escolas brasileiras sofreu um grande avanço nas últimas décadas com leis e decretos que dão o direito dessas pessoas de serem atendidas de forma a respeitar suas necessidades físicas e psicológicas.

É sabido que estamos longe da excelência em educação, mas estamos caminhando para uma educação de qualidade para todos. Ainda existem instituições de ensino que apenas recebem as crianças com NEE pela obrigatoriedade, deixando-as de lado ou não explorando seu potencial, ministrando atividades inadequadas ou inferiores a sua capacidade. Ainda nos deparamos com professores preconceituosos que não aceitam a diferença e, assim, não ajudam na libertadora sensação de se sentir parte de um lugar de crescimento, que é a escola. Ainda encontramos professores despreparados e com muitas dificuldades pedagógicas e estruturais.

Observar uma turma onde as crianças estão inseridas e ver que a inclusão acontece, representa um grande avanço, principalmente quando o professor percebe que ele é uma mola importante nessa engrenagem e que não pode deixar de exercer seu papel de construir uma sociedade mais cidadã e respeitosa com as diferenças. Isso nos reporta ao grande mestre Paulo Freire (1982):

Até quando a escola primária – mas não só ela; a média, a universitária também, vem insistindo, com seus rituais, com seus comportamentos, em estimular posições passivas nos educandos, através dos seus procedimentos autoritários? É o autoritarismo do discurso, por exemplo, e no discurso da professora e do professor. É o autoritarismo da transferência de um conhecimento parado, como se fosse pacote que se estende à criança, em lugar de se convidar a criança a pensar e aprender a aprender. Em lugar disso, o que se faz é docilizar a criança, para que ela receba o pacote do conhecimento transferido (p. 36).

Escuto os ecos das palavras de Moreira (2012), quando diz que a “docilização” das crianças não é algo novo, tendo sido originada nas primeiras discussões acerca do movimento de inclusão escolar!

A inclusão, em todas as aulas, inclusive em Matemática, acontecerá de fato com a participação de todos: professores, gestores e, principalmente, quando a família da criança com NEE se faz presente.

É preciso ter apoio da Sala de Recurso, de monitores, de professores bem qualificados, ou seja, de toda a estrutura necessária para que tenhamos uma escola para todos, sem segregação ou discriminação do diferente, porque somos todos diferentes!

Por tudo, percebemos que a inclusão escolar (e social, também!) do estudante com NEE é um processo irreversível. Para tanto, todos temos que lutar pelos direitos desses alunos que, certamente, são os direitos dos alunos das classes regulares de conviverem com crianças especiais! Acredito que conseguiremos mais resultados com políticas públicas de inclusão mais adequadas à realidade e que existam de fato.

### Agradecimentos

À Secretaria de Educação de Educação do Distrito Federal (SEEDF) pela oportunidade em me qualificar e ampliar meu horizonte e olhares.

À Central de Bolsas da Universidade Estadual de Goiás (UEG) pelo financiamento dos meus estudos.

À Universidade de Brasília.

Ao meu Orientador, Professor Doutor Geraldo Eustáquio Moreira, pela grande confiança e ajuda nos momentos de desespero e pelo olhar visionário em se colocar no lugar do outro e pelos grandes ensinamentos.

### Referências

ALMEIDA, Giovanna Soares; VIEIRA JUNIOR, Pedro Abel; RAMOS, Pedro. Os programas de desenvolvimento econômico do centro-oeste brasileiro e suas consequências: anos 60 e 70. In: **Anais do VII Congreso de La Asociación Latinoamericana de Sociología Rural**. Quito: 2006.

FREIRE, Paulo. **Sobre educação**: Diálogos/Paulo Freire e Sérgio Guimarães. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. Artigo de introdução sobre o trabalho criativo de L. S. Vigotski. In: Vigotski, L. S. **Teoria e método em psicologia**. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MOREIRA, Geraldo Eustáquio. **Representações sociais de professoras e professores que ensinam que Matemática sobre o fenômeno da deficiência.** Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). São Paulo: PUC/SP, 2012.

MOREIRA, Geraldo Eustáquio; MANRIQUE, Ana Lúcia. Challenges in Inclusive Mathematics Education: Representations by Professionals Who Teach Mathematics to Students with Disabilities. **Creative Education**, 5, 470-483, 2014a

UNESCO. **Final Report in the World Conference on Special Needs Education: Acess Quality.** Salamanca, Ministry of Education and Science, 1994.

VYGOTSKY, Levi S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Obras Escogidas V. Fundamentos de defectología.** Madrid: Visor, 1997.

\_\_\_\_\_. **Psicología pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Teoria e método em Psicología.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **La imaginación y el arte en la infancia.** Madrid: Akal, 2007.